

# Editorial

Quase tudo o que atualmente associamos à ciência foi desenvolvido no século XX: máquinas de locomoção, inventos para a comunicação e significativas descobertas nas áreas de química e biologia, que muitas vezes acabaram redundando em novos medicamentos e métodos de exames. Todos esses aportes alteraram o mundo até então conhecido, modificando, consequentemente, também o comportamento da humanidade.

Não podemos esquecer, entretanto, que grande parte desse avanço decorreu das pesquisas empreendidas nas duas guerras mundiais que marcaram aquele século. Foi em decorrência delas que um extraordinário volume de recursos econômicos e humanos foi destinado à ciência, propiciando tantas e tão fabulosas descobertas em curto tempo.

Por terem ocorrido durante esse período conturbado (no qual a ideia de direitos humanos não estava consolidada na seara científica), muitas dessas descobertas aconteceram mediante processos de investigação totalmente desprovidos de qualquer critério ético, especialmente na área da saúde. Tanto no Estado alemão sob o nazismo quanto nas chamadas sociedades democráticas ocidentais, como mostrou Beecher <sup>1</sup>, os seres humanos que participavam de experimentos eram tratados como “coisas”, sujeitos de pesquisa submetidos a condições indignas durante os testes, sendo levados, inclusive, à morte.

Os experimentos relatados no estudo de Beecher parecem ser apenas a ponta do *iceberg* de toda uma série de pesquisas realizadas naquelas décadas. Tal conjectura pode ser atestada pela descoberta casual, em 2010, de estudos conduzidos na Guatemala na década de 40 pelos serviços de saúde estadunidenses. Essa pesquisa voltava-se a acompanhar a história natural da sífilis e gonorreia, e para isso foram propositalmente infectadas 1.500 pessoas particularmente vulneráveis <sup>2</sup>.

Se atualmente a descoberta dessa pesquisa causa “escândalo” e indignação no meio científico, pressupõe-se que a consciência ética dos investigadores se aprimorou ao longo das últimas décadas quanto ao que deve ou não ser feito em estudos envolvendo seres humanos. Pode-se subentender, inclusive, que fatos abomináveis como este já não mais integrem a rotina de pesquisa dos investigadores sérios e comprometidos com o bem-estar da humanidade, uma das autojustificativas da própria ciência. Podemos imaginar, ainda, que contribuiu para o aprimoramento da consciência moral dos pesquisadores instrumentos como a *Declaração de Helsinki*, de 1964, que formularam parâmetros éticos para a condução dos estudos.

Mas considerando as alterações de 2008 na *Declaração de Helsinki* (que admite o uso de placebo e a descontinuidade do tratamento após o término do estudo), sabendo dos incomensuráveis interesses econômicos que envolvem as pesquisas <sup>3</sup> e tendo em vista, ainda, a característica

colonialista dos “trainings” voltados aos pesquisadores dos países em desenvolvimento <sup>4</sup>, podemos mesmo estar seguros de que tais situações abomináveis não mais se repetirão? Considerando a magnitude dessas forças, esta tem sido uma preocupação constante dos editores e do Conselho Editorial da Revista Bioética. Por isso, procuramos trazer em cada número artigos que possam provocar a reflexão sobre os problemas éticos atuais na pesquisa, na clínica e na vida social. Esperamos, assim, estimular a consciência ética e capacitar nossos leitores para tomar as melhores decisões em sua vida profissional. Ou seja, contribuir para que cada um, fazendo aquilo que faz, venha a produzir uma melhoria significativa em qualidade de vida para o conjunto da humanidade.

## Referências

---

1. Beecher H. Ethics and clinical research. The New England Journal of Medicine 1966 Jun; 274(24):1354-60.
2. Sociedade Brasileira de Infectologia. EUA se desculpa por estudo com sífilis feito na Guatemala nos anos 40. [online]. Disponível: [http://www.sbinfecto.org.br/publicoleigo/default.asp?site\\_Acao=&paginaId=14&mNoti\\_Acao=mostraNoticia&noticiaId=20920](http://www.sbinfecto.org.br/publicoleigo/default.asp?site_Acao=&paginaId=14&mNoti_Acao=mostraNoticia&noticiaId=20920). Acesso 6 abr 2011.
3. Angell M. A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos. Como somos enganados e o que podemos fazer a respeito. Rio de Janeiro/São Paulo: Record; 2008.
4. Mzayek F, Resnik D. International biomedical research and research ethics training in developing countries. J Clin Res Bioeth 2010; 1(1): 103.